

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

OS PERIGOS DO FACILITISMO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR¹ **THE DANGERS OF FACILITATION IN SCHOOL EDUCATION**

Jenerton Arlan Schütz²

¹ Artigo escrito no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências (Doutorado), com o auxílio de Bolsa CAPES.

² Doutorando em Educação nas Ciências (Unijuí), Mestre em Educação nas Ciências (Unijuí), Especialista em Metodologia de Ensino de História (Uniasselvi), Licenciado em História e Sociologia (Uniasselvi), Bolsista CAPES.

Resumo

O Construtivismo educacional é um referencial teórico que parte da premissa do sujeito como construtor de seus próprios conhecimentos. Esta ideia tem implicações para o ensino escolar, as quais, hodiernamente são apresentadas aos professores por um Construtivismo educacional que deixa entrever a valorização do aluno por sua atividade de construção, sendo o professor apenas um “facilitador” deste processo. O papel do professor passa a ser secundário, uma vez que, o conteúdo pode ser desvalorizado em prol da “construção de conhecimentos”. Esse artigo tem por objetivo refletir, primeiramente, sobre o Construtivismo e seu facilitismo educacional, por conseguinte, apresenta reflexões sobre as consequências de tal concepção educacional, que, ao transformar o professor em facilitador do processo de ensino e aprendizagem cria condições para o esvaziamento da autoridade docente frente às novas gerações, ofuscando, desse modo, o verdadeiro brilho da escola.

Palavras-chave: Facilitismo; Construtivismo Educacional; Transmissão.

Abstract

Educational constructivism is a theoretical framework that starts from the premise of the subject as a constructor of their own knowledge. This idea has implications for school teaching, which are now presented to teachers by an educational Constructivism that shows the student's appreciation for their construction activity, and the teacher is only a "facilitator" of this process. The role of the teacher becomes secondary, since the content can be devalued for the sake of "knowledge building". This article aims to reflect, firstly, on Constructivism and its educational facilitation, therefore, it presents reflections on the consequences of such educational conception, which, by transforming the teacher into facilitator of the teaching and learning process creates conditions for the emptying of the Teacher authority in front of the new generations, thus overshadowing the true brilliance of the school.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Keywords: Facilitation; Educational Constructivism; Streaming.

Introdução

No contexto educacional hodierno é comum alegar que o professor é um facilitador de aprendizagem, ou ainda, um mediador do processo de construção do conhecimento. Tais concepções estão pautadas pela orientação teórica denominada Construtivismo, que propõe que cada aluno construa seu próprio conhecimento a partir de experiências próprias. Cabe ao professor facilitador envolver o aluno enquanto protagonista de sua aprendizagem e deixar de ser apenas uma fonte de informação e conhecimento.

No Construtivismo educacional cabe ao professor auxiliar os alunos na construção do próprio conhecimento, ou seja, deve auxiliá-los nesta construção, ou melhor, facilitar esta tarefa, o que não significa, necessariamente, ensiná-los. As atividades desenvolvidas devem: i) propiciar ao aluno competências relacionadas com o aprender a aprender e possibilitar que seja cada vez mais autônomo em suas aprendizagens; ii) deve-se, ainda, proporcionar ao aluno a encontrar seu próprio caminho, o que o tornará capaz de construir seu próprio modelo de experiência individual no mundo (o que, segundo o Construtivismo, não ocorre através da transmissão); iii) deve-se oferecer oportunidades para que o aluno investigue possibilidades e esclareça “erros” através da observação de contradições, assim, a aprendizagem é resultante do protagonismo do aluno.

As contribuições e, conseqüente, mudanças sugeridas pelo Construtivismo educacional vão além e interferem na dinâmica escolar, na estrutura da escola, isto é, tiram o professor de seu papel tradicional, como aquele que insere as novas gerações no patrimônio dos saberes que fomos inventando, uma espécie de representante de conhecimentos. Nessa direção, modificam o agir do aluno, a quem cabe elaborar as ideias e discuti-las, ao invés de ouvir e repetir. A instituição escolar passa a ter como principal função levar o aluno a construir seu próprio conhecimento e não oferecer às gerações vindouras o legado cultural da humanidade.

Entende-se, por um lado, que um dos aspectos positivos do Construtivismo educacional é valorizar a ação do aluno como construtor de seu conhecimento e tirar o professor da posição de detentor do saber. Por outro lado, o professor pode deixar de apresentar conhecimentos aos alunos, desvalorizando os chamados “conteúdos escolares”, e os alunos, por sua vez, nem sempre constroem o que é almejado pelo professor.

Entretanto, ensinar neste modelo, nega a historicidade do conhecimento, pois a produção de todo o saber pela humanidade se deu ao longo de séculos, e não cabe ao aluno querer reinventar o mundo após seu nascimento. A escola deve oferecer a cada nova geração de adquirir, em alguns anos, o que a humanidade levou séculos para construir e, assim, se tornar capaz de dar continuidade à aventura do conhecimento. Porém, essa abordagem vai contra a concepção construtivista, pois ela defende que não há conhecimento acumulado a ser transmitido, pois o indivíduo é que desenvolve seu próprio conhecimento, por meio de sua visão de mundo.

Essa temática traz muitos questionamentos, suposições e algumas (in)certezas. Contudo, é sempre

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

instigante refletirmos a respeito da educação escolar, da transmissão e difusão do conhecimento, dos desafios da arte de ensinar, das implicações existenciais que causam o aprender. Pois, sendo o ser humano dotado de razão será sempre investigador e “objeto” de sua própria investigação, numa procura incessante de alcançar patamares sempre mais altos naquilo que o constitui e o diferencia dos demais seres.

Ademais, o artigo objetiva refletir, primeiramente, sobre o Construtivismo e seu facilitismo educacional[1], por conseguinte, apresenta reflexões sobre as consequências de tal concepção educacional, que, ao transformar o professor em facilitador do processo de ensino e aprendizagem cria condições para o esvaziamento da autoridade docente frente às novas gerações, ofuscando, desse modo, o verdadeiro brilho da escola.

1 O Construtivismo educacional

Poderíamos começar a nos perguntar: Em que se baseia o Construtivismo educacional? Esta pergunta se torna necessária para esclarecer uma primeira noção da teoria construtivista. O Construtivismo não é uma metodologia ou uma técnica e sim uma postura em relação à aquisição do conhecimento. Em Becker (1993, p. 88), o

Construtivismo [se baseia na ideia] de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e [...], especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social [...]; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito mesmo, pensamento.

Para compreendermos melhor, em aspectos filosóficos, o Construtivismo é uma fundamentação do Iluminismo. Para este, o homem é um ser dotado de razão. Conforme Freitag (1993), o pressuposto do Construtivismo é, de fato, um pressuposto iluminista. Sem a razão, teríamos a des-razão, teríamos a loucura, teríamos a impossibilidade de pensar o mundo, de ordenar, de construir uma visão, uma concepção sobre o nosso mundo, a natureza e o mundo social. Portanto, sendo o homem dotado de razão, ele tem um potencial cognitivo de pensar o mundo, de (re)construir no pensamento, nos conceitos, o mundo da natureza e de ordenar o mundo, com o auxílio de critérios racionais.

Nessa direção, um dos pontos principais da concepção construtivista de ensino é que a aprendizagem é uma construção da própria criança, em que ela é o centro no processo, e não o professor. Na concepção construtivista é importante que o professor aceite que não é mais o centro do ensino e da aprendizagem.

Cabe lembrar que nas mudanças ocorridas na educação brasileira, percebe-se a inserção de ideias construtivistas desde a década de 70. À época, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) propôs às escolas o respeito às fases ou etapas de desenvolvimento do aluno, o que remete aos estádios de desenvolvimento infantil identificados por Piaget (CHAKUR, 1995).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Não obstante, o Construtivismo é uma das correntes teóricas adotadas também pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) nesse documento o Construtivismo é denominado da seguinte forma:

Por muito tempo a pedagogia focou o processo de ensino no professor, supondo que, como decorrência, estaria valorizando o conhecimento. O ensino, então, ganhou autonomia em relação à aprendizagem, criou seus próprios métodos e o processo de aprendizagem ficou relegado a segundo plano. Hoje se sabe que é necessário ressignificar a unidade entre aprendizagem e ensino, uma vez que, em última instância, sem aprendizagem o ensino não se realiza. A busca de um marco explicativo que permita essa ressignificação, além da criação de novos instrumentos de análise, planejamento e condução da ação educativa, na escola, tem se situado, atualmente, para muitos dos teóricos da educação, dentro da perspectiva construtivista. A perspectiva construtivista na educação é configurada por uma série de princípios explicativos do desenvolvimento e da aprendizagem humana que se complementam, integrando um conjunto orientado a analisar, compreender e explicar os processos escolares de ensino e aprendizagem (BRASIL, 1997, p. 50).

Para Massabni (2007), cabe lembrar que, mesmo tendo sido conhecido entre os educadores por meio das implicações educacionais de suas ideias, Piaget não era pesquisador da área de educação e desenvolveu suas pesquisas em na área da Psicologia e Epistemologia Genética. Seus estudos possuem um embasamento *construtivista*, pois concebe que o indivíduo elabora e (re)elabora seus conhecimentos ao longo da vida, a partir de desequilíbrios e reequilíbrios sucessivos de estruturas intelectuais, conforme interage com o mundo. Deste modo, de acordo com seus pressupostos, o conhecimento *não* é fornecido pelo meio nem preexiste no indivíduo: ele é construído.

Outro aspecto primordial nas teorias construtivistas, é a quebra de paradigmas que os conceitos de Piaget apresentam: i) é a troca do repasse da informação para a busca da formação do aluno; ii) é a nova ordem revolucionária que retira o poder e autoridade do professor transformando-o de todo poderoso detentor do saber para um "educador - educando", nas palavras de Freire (2006), e esta visão deve permear todo um "ambiente construtivista".

Segundo Saviani (2007, p. 433) a denominação "Construtivismo" surgiu a partir do entendimento de que:

[...] a fonte do conhecimento não está na percepção, mas na ação, conduz à conclusão de que a inteligência não é um órgão que imprime, que reproduz os dados da sensibilidade, mas que constrói os conhecimentos. Está aí a origem da denominação 'construtivismo', que acabou tendo grande fortuna no campo da pedagogia e, na década de 1990, se tornou referência seja para as reformas de ensino em vários países, seja para a

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

orientação da prática escolar.

Não obstante, para o autor, o lema do “aprender a aprender” aparece como uma nova roupagem do escolanovismo, uma vez que:

[...] tão difundido na atualidade, remete ao núcleo das ideias pedagógicas escolanovistas. Com efeito, deslocando o eixo do processo educativo do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade, configurou-se uma teoria pedagógica em que o mais importante não é ensinar e nem mesmo aprender algo, isto é, assimilar determinados conhecimentos. O importante é aprender a aprender, isto é, aprender a estudar, a buscar conhecimentos, a lidar com situações novas. E o papel do professor deixa de ser o daquele que ensina para ser o de auxiliar o aluno em seu próprio processo de aprendizagem (SAVIANI, 2007, p. 429).

Durante a década de 90, após a promulgação da LDB de 96, foram apresentados os Parâmetros Curriculares Nacionais, cuja palavra de ordem é “construir conhecimentos”. Desse modo, o Construtivismo é visto como um referencial teórico presente e fundamental para se compreender o ensino no Brasil atualmente.

Nessa direção, Lima (2000), afirma que o papel do professor não é explicar, e sim propor atividades que levem o aluno à compreensão. Do mesmo modo, a primeira providência de uma educação piagetiana seria a de reorganizar o processo escolar em forma de dinâmica de grupos, ou seja, não é necessário ensinar nada às crianças, elas precisam apenas de clima estimulador que possibilite a estruturação de seu comportamento.

Em convergência com Lima (2000), Burke (2003), também reitera que a aprendizagem não deve ocorrer com ênfase na linguagem verbal, pois, quanto mais expositivo for o método didático utilizado, tanto menor (ou pior) será a aprendizagem dos alunos. Notamos, desse modo, que a aula expositiva é uma prática condenada, uma vez que, Burke (2003, p. 49) considera que desde que a aprendizagem “é um processo construtivo interno do aluno e não um processo depositário de fora para dentro”, o professor “deve se lembrar de que na realidade não se ensina, ajuda-se o aluno a aprender”.

Assim, podemos afirmar que o professor deve considerar os conhecimentos prévios dos alunos em relação aos novos conteúdos de aprendizagem (ZABALA, 2003), além disso, deve buscar e valorizar o ponto de vista do aluno (BROOKS E BROOKS, 1997). Os autores também consideram que os currículos devem ser adaptados a partir das hipóteses dos alunos, ou seja, os alunos devem encontrar seu próprio caminho, o que possibilitará o aluno a construir seu próprio modelo de experiência subjetiva do mundo.

Portanto, no Construtivismo educacional o aluno seria o autor principal da construção do conhecimento, isto é, por sua própria capacidade de raciocínio o aluno estaria apto para construir

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

o conhecimento, desenvolver suas habilidades e resolver seus problemas. Resta ao professor se tornar um sujeito de vários adjetivos: um animador, um apresentador, um simples colaborador ou corriqueiramente denominado de facilitador de todo processo. Recebe os adjetivos pois nessa modalidade de ensino e aprendizagem o que se deve levar em consideração é o aluno, seu desenvolvimento, sua aprendizagem, estando todo o processo de aprendizagem centrado no aluno e no seu potencial de habilidades.

Ademais, não cabe ao professor transmitir os conceitos científicos, do patrimônio comum dos saberes que fomos inventando durante séculos, mas somente facilitar com processo de aprendizagem do aluno. Doravante, buscaremos refletir sobre os perigos que o facilitismo na educação escolar pode acarretar no que denominamos de brilho da escola.

2 A transmissão como brilho da escola

Afinal, em que se baseia o brilho da escola? Por que para algumas correntes teóricas, em especial, aqui, o Construtivismo educacional, o brilho da escola se torna insuportável, de tal maneira, que é preciso ofuscá-lo?

A visão construtivista torna o ensinar e o aprender nebuloso, pois ao considerar que o professor é um mediador está afirmando que ele necessita estar presente nos dois âmbitos do processo educativo. Assim, é comum ouvirmos que o professor tanto aprende quanto ensina, apaziguando e homogeneizando a relação de ensino e aprendizagem, que por vezes é conflituosa.

Ouve-se muitos professores dizendo: “eu não transmito”, “eu não uso a transmissão”, “eu apenas facilito a aprendizagem”. Os professores não querem transmitir, a palavra transmissão se tornou maldita e condenada no âmbito da educação escolar. Para muitos, a escola não serve para transmitir, mas sim para facilitar a aprendizagem dos alunos, como propõe o Construtivismo educacional. Como se as crianças tivessem que descobrir outra vez tudo, do princípio, sem terem a oportunidade de se colocar na posição de alguém que escuta e recebe dos mais velhos o que eles têm a transmitir[2].

Esta concepção desvaloriza o professor, e conseqüentemente o ensino, em detrimento da aprendizagem que é prioridade, assim não importa o que se ensine, importante é o processo de aprendizagem, o “aprender a aprender”. O professor precisa saber mais sobre o ensinar ao invés de saber aquilo que se propõe a ensinar. Até porque o aluno precisa aprender por si próprio do que ser ensinado. E, dessa forma, ao saber ensinar sem saber muito daquilo que ensina, o professor perde a sua única fonte legítima, a autoridade. Até porque, ao aprender por si próprio, o aluno não precisa reconhecer a autoridade do professor.

Evidentemente, não discordamos que o indivíduo possui a capacidade de interpretar fatos de modo subjetivo, sem relação com outro. Porém, poderíamos nos indagar como o aluno fará tudo isso sem o embasamento do patrimônio de conhecimentos adquirido pelas gerações anteriores? Há possibilidade do aluno se desenvolver sem referências do passado, da tradição, do velho? Como o aluno dará continuidade ao elo da criação/geração? Sabemos que os seres mais desenvolvidos - representantes do mundo, são a chave de desenvolvimento para os seres menos

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

desenvolvidos - recém-chegados (DUARTE, 2003). É partindo das gerações anteriores e dos adultos que se pode ensinar a um recém-chegado em fase de desenvolvimento.

Hannah Arendt apresenta reflexões que nos ajudam a pensar os perigos que o facilitismo educacional podem provocar, tais reflexões sobre a educação estão reunidas em seu ensaio sobre *A crise na educação* (ARENDR, 2013, pp. 221-247). Segundo ela, o grande perigo e equívoco, reside hoje, justamente, em querer emancipar as crianças da autoridade dos adultos, como se as crianças fossem uma parcela oprimida. Para Arendt (2013, p. 230), “[...] ao emancipar-se da autoridade dos adultos, a criança não foi libertada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria.” Do mesmo modo, para Carvalho (2001), o construtivismo educacional, com sua perspectiva psicologizante, ignora o contexto e os problemas característicos das escolas e produz uma teoria pedagógica pretensamente centrada na criança e em seu desenvolvimento, mas esquecida do professor e da própria escola.

Nessa direção, como consequência, pode-se perceber o comportamento de muitos jovens na recusa de manter com as gerações passadas um vínculo de conservação de tradições e valores comuns, principalmente, o respeito à autoridade^[3], “[...] compreendida aqui como uma referência dos valores éticos e morais presentes em uma sociedade” (SCHÜTZ, 2016, p. 48). Nesse caso, o professor é apenas uma espécie de facilitador, como propõe o Construtivismo educacional, funcionando como suporte técnico^[4] para os alunos e, conseqüentemente, há uma perda substancial de autoridade.

O passado enquanto fonte de autoridade deixa de desempenhar um papel na educação. Com base nas reflexões de Arendt, Brayner (2008, pp. 86-87), reitera que o professor, como mediador entre os novos e aquilo que já se passou, e a escola, como um “elo de ligação entre gerações”, se tornam figuras anacrônicas. É verdade que, sem a autoridade que advém da responsabilidade dos adultos, ao professor só resta o autoritarismo ou o laxismo. E, do mesmo modo, ao aluno só resta o empenho inglorioso ou a falta de desinteresse. Mais do que uma perda, é uma insensibilidade que se instala. Mais do que uma distância, é um deserto que passar a existir.

Acontece ainda, que na concepção do Construtivismo educacional, o conhecimento do professor está equiparado ao do educando, assim, o aluno tem falta de um suporte para desenvolver as suas habilidades e aptidões, pois precisa encontrá-las sozinho. O resultado não poderia ser outro - os alunos são abandonados a seus próprios recursos e o professor perde a sua fonte legítima de autoridade, que é justamente o conhecimento e a capacidade de transmiti-lo, “[...] como a pessoa que, seja dada a isso a forma que se queira, sabe mais e pode fazer mais que nós mesmos, não é mais eficaz.” (ARENDR, 2013, p. 231). Cabe lembrar que: “O saber que o [professor] pretende transmitir [...] [é] o conjunto de conteúdos culturais básicos socialmente aceitos” (SAVATER, 2012, p. 163).

O motivo por que não foi atribuída nenhuma importância ao domínio que tenha o professor de sua matéria foi o desejo de levá-lo ao exercício contínuo da atividade de aprendizagem, de tal modo que ele não transmitisse, como se dizia, ‘conhecimento petrificado’, mas, ao invés disso, demonstrasse constantemente como o saber é produzido. (ARENDR, 2013), cabe aqui a crítica ao

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Construtivismo educacional, pois, “[...] uma educação sem ensino é vazia e degenera com facilidade numa retórica emocional e moral” (ARENDR, 2013, pp. 246-247), ora, em boa verdade, o que se passa é que é possível educar sem ensinar – segundo o Construtivismo educacional –, e é justamente nessas circunstâncias que a educação degenera numa retórica emocional e moral.

Não diferente, o professor como facilitador tem a *impossível* missão de fazer com que o aluno construa seu próprio conhecimento sem nenhum arcabouço teórico, sem referência ao que já está posto. Mas, apenas partindo de seus “achismos” e de suas experiências que nem sempre são bem-sucedidas.

A escola inventada pelos gregos há 2500 anos, é o lugar da transmissão às novas gerações do conhecimento petrificado – saberes que levaram séculos para se construírem – adquirido pelas gerações anteriores. Aqueles que nascem no mundo ainda não o conhecem, eles são como estrangeiros neste lugar, necessitam ser familiarizados com seus saberes e suas práticas, além de aprender as linguagens para serem capazes de se sentir “em casa” neste mundo.

Transmite-se saberes teóricos, isto é, teóricos vem da palavra teoria, que é uma palavra lindíssima, que, por sua vez, vem do étimo grego *theoria*, que significa visão, contemplação. Por isso, o ensino é definido como o processo de “dar a ver”. Dar a ver, exatamente, por esses saberes que introduzem uma visibilidade do mundo e dos seres que o habitam, visibilidade essa que tem como característica fundamental poder ser objeto de transmissão discursiva (POMBO, 2002).

Por isso, a tarefa de acolher os novos e mostrar à eles como o mundo é e introduzi-los nesse mundo público, através da transmissão dos saberes teóricos, é da escola. É a escola que deve apresentar aos mais novos as tradições, as histórias, suas conquistas e os conflitos, é ela que cuida do mundo que confiaremos às próximas gerações, agregando para a continuidade dele. É a partir da educação que também se acolhe os recém-chegados, que têm o direito de conhecer o mundo, de se apropriar dele para *depois* buscarem seus próprios caminhos e intervir naquilo que compartilham com os outros (SCHÜTZ, 2016).

Ao refletirmos sobre a tradição, Arendt (2013, p. 31) salienta que ela “[...] seleciona e nomeia, transmite e preserva, indica onde se encontram os tesouros e quais os seus valores”. Ela pressupõe, portanto, opções baseadas em determinados valores e também princípios. Podemos, desse modo, dizer que a autora faz uma “leitura” do passado e, desse modo, não representa um relato “objetivo” ou neutro, mas diz respeito a uma herança que depende de escolhas tanto daqueles que a entregam (professores, adultos) como daqueles que a recebem (alunos, crianças, jovens).

Para a autora, a tradição é como um testamento, no qual os antecessores devem decidir o que e como entregar o seu legado para aqueles que chegarão. Essa herança não se compõe apenas por aspectos materiais, mas inclui saberes e conhecimentos, princípios e compreensões. A visão de discernir é um elo que liga uma geração a outra, algo que nós (com)partilhamos com aqueles que viveram no mesmo lugar, mas em outro tempo (ARENDR, 2013). A partir disso, é importante destacar que a herança não é fruto de uma escolha ou descoberta individual. Do mesmo modo que

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

não criamos ou inventamos a tradição, mas ela nos é (re)passada, transmitida.

Por isso, para Arendt (2013, p. 239), mostrar o mundo para os recém-chegados é tarefa dos mais velhos, pois, são eles que já participaram ou estão participando do percurso do mundo e são corresponsáveis por ele, “face à criança é como se o professor fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo”. O professor é o elo entre uma geração e outra, entre o novo e o velho, entre o mundo e a criança, familiariza os recém-chegados com algo que deve ser preservado, que possui significado para ele e que, passa a ganhar significado para os novos. Na reflexão de Carvalho (2012), em sua obra *Reflexões sobre educação, formação e esfera pública*, o autor sustenta que a educação tem como tarefa familiarizar os alunos com nossas heranças históricas comuns, por meio delas que possibilitamos o surgimento de novas formas de expressão.

O professor é uma espécie de narrador, no sentido Benjaminiano. As experiências são contadas pelos mais velhos, são eles que possuem o dom de narrar as experiências de um lugar; as histórias sempre têm algo a nos dizer, algo que podemos aprender. O narrador é aquele que se apropriou dessas experiências, que podem ser ou não algo que ele tenha vivenciado. As histórias fazem parte de um tesouro, de uma determinada tradição. É a partir do narrador, que a história ganha uma visão única e, assim, os ouvintes, por sua vez, vão se apropriar cada um de seu modo da história, da experiência narrada (BENJAMIN, 2012), narração esta, ausente ou ignorada pelo Construtivismo e facilitismo educacional, uma vez que é o aluno que deve criar a narrativa e não alguém mais velho (professor) que lhe apresenta os tesouros de uma determinada tradição.

Por isso, é necessário combatermos o facilitismo educacional, pois, professor é aquele que transmite as experiências e os saberes construídos ao longo do tempo, as descobertas e os conflitos, as realizações do passado, isto é, apresentado as tradições constituídas que lhes são legadas (é para isso que ele surgiu). Assim, na medida em que os alunos se reconhecem nessas histórias, passam a fazer parte desse mundo que compartilhamos. São os novos que darão continuidade às histórias que foram narradas, mas só poderão fazer isto se a escola possibilitar, em primeiro lugar, a apropriação desse lugar, e que depois vão fazer parte do “seu” mundo.

Segundo Savater (2012), a primeira coisa que a escola transmite a cada um dos alunos é que não somos únicos, que nossa condição implica o intercâmbio significativo com outros parentes simbólicos que confirmam e possibilitam nossa condição. Por conseguinte, a escola transmite que não somos os iniciadores da nossa linhagem (exatamente o inverso do discurso construtivista), que aparecemos num mundo em que a marca humana já está vigente de mil modos e existe uma tradição da qual vamos fazer parte e na qual também vamos (re)formar.

Poderíamos incluir ainda a transmissão de que nem todos que construíram esta tradição continuam presentes entre nós, que muitos já morreram e que, mesmo assim, suas descobertas ou lutas continuam contando para cada aluno como lições de vida, assim como há aqueles que ainda não nasceram, embora já seja fundamental levá-los em consideração para manter ou renovar o mundo.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

[...] a escola, ou melhor, o mundo escolar é uma entidade coletiva situada num certo contexto, com práticas, convicções, saberes que se entrelaçam numa história própria e em permanente mudança. Esse mundo é um conjunto de vínculos sociais frutos da aceitação ou da rejeição de uma multiplicidade de valores pessoais e sociais (AZANHA, 1995, p. 103).

Não obstante, faz-se necessário compartilhar a inspiração de Brayner (2008) numa narrativa de Umberto Eco, na qual sugere uma metáfora para ilustrar o lugar fundamental ocupado pela tradição e a autoridade na educação escolar. Vir ao mundo, considera Brayner, é como entrar numa peça de teatro depois de ela ter começado. Para participar do enredo, isto é, para se tornar um ator no palco do mundo público, é necessário saber o que ocorreu antes, qual o sentido da encenação e quais as regras a serem seguidas. Isso não significa que a peça siga um roteiro pronto ou predeterminado (com a atuação dos novos, ele pode tomar rumos inesperados), mas demanda que se ofereça aos recém-chegados condições mínimas de se orientar e movimentar no palco. Assim, a educação escolar tem a tarefa de situar os recém-chegados - "atrasados" -, a fim de mostrar a eles o que ainda não tiveram oportunidade de conhecer.

Afinal, onde reside o brilho da escola? Ele reside, justamente, no professor que tem seu papel de representante do mundo e que não pode recair sobre o aluno a responsabilidade de "recriar" tudo o que ele deverá aprender, isto é, construir todo o arcabouço de conhecimentos que ele deve carregar durante sua vida, como propõe o facilitismo educacional. O brilho se torna insuportável e a escola perde seu sentido se os mais velhos (professores) não têm mais nada a ensinar. Uma vez que, ensinar é, em grande parte, inserir os novos numa tradição viva e em constante mudança.

[...] a função da escola é ensinar às crianças o mundo como ele é, e não instruí-las na arte de viver. Dado que o mundo é velho, sempre mais que elas mesmas, a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente (ARENDDT, 2013, p. 246).

Se o professor se torna um facilitador e instaura o facilitismo na educação escolar, ele apaga o brilho da escola, pois não tem mais nada a transmitir, não tem mais conselhos para dar, não possui mais o que comunicar aos recém-chegados. Conseqüentemente, não familiariza os recém-chegados, não convida eles a fazer parte deste mundo. Logo, a educação escolar não possui vínculo e compromisso com um mundo compartilhado.

O que permanece é o enfraquecimento da escola como local onde transitam ideias e conhecimentos que possibilitam a continuidade da cultura humana. Diminui-se o acesso das novas gerações ao conhecimento produzido e às elaborações teóricas (saberes teóricos) que permitem repensar a sociedade em que vivemos.

Savater (2012, p. 141) considera que: "[o ensinar] transmite porque quer conservar; e quer conservar porque valoriza certos conhecimentos, certos comportamentos, certas habilidades e certos ideais". Por esse fato, é imprescindível que o ensino se volte ao passado, às profundas

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

raízes, pois é lá que nos tornamos comumente humanos, só assim que nos tornamos semelhantes, hóspedes uns dos outros. Só assim podemos encontrar os tesouros e saber quais os seus valores.

Porém, a fim de evitar mal entendidos:

[...] parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa - a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumida implica, é claro, em uma atitude conservadora (ARENDDT, 2013, p. 242).

Do mesmo modo, para Masschelein e Simons (2014, p. 164),

[...] a educação é conservadora [porque] ela conserva coisas (palavras, práticas) como coisas inacabadas, [...] para que os alunos possam começar de novo *com* essas coisas, *com* o mundo. Elas podem agora obter significado novamente, ou obter um novo significado.

Mas, para que as os alunos consigam dar um novo significado, é preciso, como afirma Carvalho (2010), familiarizar os novos com as heranças históricas: a literatura, as artes, as ciências, a filosofia, os valores e as práticas sociais por meio dos quais foram legadas a compreensão do mundo e também a possibilidade do surgimento de novas formas de expressão.

Ao contrário do que propõe o facilitismo educacional, parece-nos que temos que fazer o elogio da transmissão, visto que há uma crescente desvalorização da transmissão e crescente elogio da inovação, como se a inovação fosse a produção do futuro que não estivesse ancorada no passado. Como se fosse possível criar a partir do nada. Se há deus, ele cria a partir do nada, os homens não criam a partir do nada, os homens criam a partir do velho, do passado, pois é essa a base da nossa inovação. Não há como progredir numa ideia de inovação sem respeitar o velho, a tradição, a memória. Não se faz arte moderna sem conhecer a arte clássica, não se faz qualquer trabalho investigativo - artigo, monografia, dissertação, tese -, sem conhecer aquilo que chamamos de "estado da arte", ou seja, revisão daquilo que já foi feito sobre determinado assunto, o que exige um olhar para o passado.

Se fôssemos imortais, então sim, não precisaríamos da transmissão. Cada um de nós teria uma vida imortal e, em conjunto, poderíamos viver vidas paralelas, uns ao lado dos outros. Cada um teria o seu percurso igualmente imortal. Encontrar-nos-íamos no acaso das nossas vidas eternas e não precisávamos de fazer nenhum elogio da transmissão. Mas, sendo nós mortais, condenados a articulações apenas horizontais, para fazer passar alguma coisa de geração em geração, para garantir alguma verticalidade, tivemos que inventar e instituir diversificadas formas de transmissão (dos sons, da fala, dos nomes, da propriedade, dos bens, da fortuna, dos mitos, dos ritos, dos saberes). A partir do momento em que somos mortais - e essa condição parece ser irrecusável, irremediável, incontornável - por muito que nos custe, não há como não fazer o elogio da transmissão. Ou melhor, o que é estranho é termos ainda que fazer esse elogio (POMBO, 2002).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

A transmissão de um saber (teórico) que permite que cada nova geração consiga, em meia dúzia de anos, aprender aquilo que de fundamental a humanidade conquistou até ao momento e que assim fique em condições de prolongar esse saber. E é essa a missão sagrada dos professores e da escola. Isso é aquilo que só a escola pode fazer e que só os professores sabem fazer, é esse seu brilho.

O seu brilho vem-lhe pelo fato de que só o saber é emancipador. E mesmo se, como alguns pretendem, o saber já não é emancipador, então pelo menos, ele é um luxo ao qual todas as crianças deveriam ter direito. Adquirir os conhecimentos fundamentais que a humanidade foi lentamente construindo, as teorias explicativas básicas necessárias à compreensão geral do mundo em que vivemos e dos Outros que aqui habitam, as suas determinações históricas, filosóficas, sociológicas e artísticas mais decisivas, um domínio alegre e satisfatório da sua língua, outras línguas e outras maneiras de ver o mundo, destrezas físicas e intelectuais. Transmitir isso sem impor morais, sem apontar modos de vida, sem sugerir cenários de felicidade na Terra ou fora dela (POMBO, 2002).

Devemos nos preocupar seriamente da escola, daquilo que, as gerações vindouras são chamadas a *aprender* e que, em convergência, as gerações mais velhas (professores) são chamadas a *ensinar*.

Considerações finais

Consideramos que o Construtivismo e seu facilitismo desvalorizam o professor, e conseqüentemente o ensino, em detrimento da aprendizagem que é prioridade, assim não importa o que se ensine, importante é o processo de aprendizagem, o “aprender a aprender”. O professor precisa saber mais sobre o ensinar ao invés de saber aquilo que se propõe a ensinar. Até porque o aluno precisa aprender por si próprio do que ser ensinado. E, dessa forma, ao saber ensinar sem saber muito daquilo que ensina, o professor perde a sua única fonte legítima, a autoridade. Até porque, ao aprender por si próprio, o aluno não precisa reconhecer a autoridade do professor.

No momento em que defendemos que o indivíduo constrói seu conhecimento a partir de suas próprias experiências negamos toda a historicidade do saber, negamos séculos de sistematização do conhecimento em detrimento de um conhecimento individual e particular. Estaríamos também, negando toda a capacidade dos indivíduos se humanizarem por meio do patrimônio dos saberes que fomos inventando.

Desse modo, entendemos que o professor é aquele que ensina, enquanto o aluno é aquele que aprende, e sob a pena de anulação mútua, esta relação não pode ser homogeneizada. Não pode recair sobre o aluno a responsabilidade de “recriar” tudo o que ele deverá aprender, isto é, construir todo o arcabouço de conhecimentos que ele deve carregar durante sua vida. Está aí o grande perigo e equívoco hodierno: querer emancipar as crianças da autoridade dos adultos, como se as crianças fossem uma parcela oprimida. Não reside aí o brilho da escola.

O brilho da escola, e é para isto que ela foi inventada, reside no fato de ela oferecer a todos os que adentrar a sua porta a possibilidade de dar continuidade ao elo da criação/geração. Ela é a palavra que inscreve no caminho sempre para diante da condição humana o retorno comovido aos

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

tesouros do passado mas também o olhar claro, firme e confiante que garante as condições para construir o futuro. E é essa a missão sagrada dos professores e da escola. Isso é aquilo que só a escola pode fazer e que só os professores sabem fazer.

Não obstante, a escola serve para tornar possível a continuidade do mundo e da ciência que vamos construindo. E para que isto ocorra, a escola, na figura do professor - representante de todos os adultos - deve apresentar aos mais novos as tradições, as histórias, suas conquistas e os conflitos, só assim podemos cuidar do mundo que confiaremos às próximas gerações, agregando para a continuidade dele. Por esse fato, é imprescindível que o ensino se volte ao passado, às profundas raízes, pois é lá que nos tornamos comumente humanos, só assim que nos tornamos semelhantes, hóspedes uns dos outros. Só assim podemos encontrar os tesouros e saber quais são os seus valores.

Como somos mortais, e ainda bem, somos condenados a articulações apenas horizontais, para fazer passar alguma coisa de geração em geração, para garantir alguma verticalidade, precisamos transmitir, narrar - no sentido benjaminiano. E este é o papel do professor e o brilho da escola, pois a herança não é fruto de uma escolha ou descoberta individual, não criamos ou inventamos a tradição, ela nos é (re)passada, transmitida, narrada. O professor é este elo entre uma geração e outra, entre o novo e o velho, entre o mundo e a criança, familiariza os recém-chegados com algo que deve ser preservado, que possui significado para ele e que, passa a ganhar significado para os novos. Caso contrário, decreta-se a superfluidade do professor e entregues à barbárie da inovação.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ALMEIDA, Vanessa Sievers. *Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez, 2011.

AZANHA, José Mário Pires. *Educação: Temas polêmicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BECKER, F. O que é construtivismo. *Ideias*. São Paulo: FDE, n.20, p. 87-93, 1993.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAYNER, F. *Educação e republicanismo: experimentos arendtianos para uma educação melhor*. Brasília: Liber Livro, 2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução*. MEC, 1997. Brasília.

BROOKS, J. G.; BROOKS, M. G. *Construtivismo em sala de aula*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

1997.

BURKE, T. J. *O professor revolucionário: da pré-escola à universidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARVALHO, J. S. *Construtivismo: Uma pedagogia esquecida na escola*. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. A liberdade educa ou a educação liberta? Uma crítica das pedagogias da autonomia à luz do pensamento de Hannah Arendt. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, set./dez. 2010, v. 36, n. 3, pp. 839-851.

_____. *Reflexões sobre educação, formação e esfera pública*. Porto Alegre: Penso, 2012.

CHAKUR, C.R.S.L. *Fundamentos da prática docente: por uma pedagogia ativa*. Paidéia, 1995, 37-52.

DUARTE, Newton. "A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco". In: _____ *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?*, Campinas: Autores associados, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 43.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREITAG, B. Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano. In: GROSSI, E. P.; BORDIM, J. *Construtivismo pós-piagetiano: um novo paradigma de aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 26-34.

LIMA, L. de O. *Piaget: sugestões aos educadores*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

MASSABNI, V. G. O construtivismo na prática de professores de ciências: realidade ou utopia? *Ciências & Cognição*, 2007; Vol. 10, pp. 104-114 Disponível: . Acesso em: 06 de Mai. de 2017.

POMBO, Olga. *A Escola, a Recta e o Círculo*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

SAVATER, F. *O valor do educar*. Tradução de Monica Stahel. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SCHÜTZ, J. A. *Educação e cidadania: reflexões à luz de Hannah Arendt*. 2016. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências. Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, 2016.

ZABALA, A. Os enfoques didáticos. In: Coll, C. (Org). *O Construtivismo na sala de aula*. 6. ed.. São Paulo: Editora Ática, 2003.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

[1] Quando utilizamos a expressão facilitismo educacional, consideramos que a mesma se refere a uma consequência do Construtivismo educacional.

[2] Transmitir: *Trans* significa justamente *através de*. O *mitir*, do verbo latino *mitto, misi, missum* significa soltar, largar, enviar. Assim, transmitir significa *enviar algo através de*, enviada de um lado para o outro, portanto, atravessa alguma coisa.

[3] Arendt distingue autoridade de certas formas de força e/ou violência. Mesmo que em ambos os casos se possa falar de uma relação hierárquica e de obediência, aquele que obedece ao mais forte o faz por medo ou por ser forçado fisicamente a obedecer, enquanto aquele que obedece à autoridade o faz por consentimento. (ARENDR, 2013). Nesse sentido, o professor pode constituir uma autoridade frente ao aluno, “[...] se ambos reconhecem a legitimidade do mundo comum e a necessidade de sua continuidade.” (ALMEIDA, 2011, p. 39).

[4] O professor é avaliado pela sua utilidade e é facilmente substituível quando há outras maneiras mais eficientes de dar suporte, por exemplo, os meios eletrônicos de comunicação. E, como sabemos, o professor não é um simples mediador, pois se assim o fosse já havia se tornado obsoleto, devido aos diferentes modos de mediação que podemos encontrar na atualidade os quais são aplicados à educação.